

O CINEMATOPHOTOGRAPHO

Perigo intellectual e moral para a infancia

Sendo o cinematographo incontestavelmente um factor importantissimo na sociedade actual de todos os paizes, e não menos incontestavel a influencia perniciosa que, em geral e devido a causas multiplas cuja principal é a pessima escolha dos films exhibidos, exerce sobre o povo, julgamos ser de todo conveniente traduzir para a *Revista de Ensino* o artigo que, sob o titulo acima, vem na revista *L'Education* de março do corrente anno.

Os perigos, que a frequentação do cinematographo constitue para a mocidade e a infancia, são cada vez mais reconhecidos pelos especialistas que se dedicam a esse estudo e pelo proprio publico. O conhecido psychologo Luciano Cellérier publicou, recentemente, sobre o assumpto, um estudo baseado simultaneamente em factos verificados e na analyse psychologica e que põe em evidencia a natureza e extensão do perigo. (1)

Importancia do perigo cinematographico

A «Société Belge de pédotechnie» fez recentemente um requerito internacional, muito interessante e instructivo, com referencia á regulamentação da assistencia das crianças aos cinemas e cujos resultados e conclusões, publicados na «Revue de Pédotechnie» pelo sr. Vital Plas, professor primario, constituiram a brochura : *L'enfant et le Cinéma*.

Não é mais possivel hoje duvidar da importancia do perigo cinematographico : de dez annos a esta parte, as empresas desse genero de diversões proliferaram de um modo assombroso. Na Allemanha, em principios de 1900, sómente havia dois cinemas permanentes ; hoje, em Berlim, ha mais de 400. Na Inglaterra, o capital empregado é de 325 milhões de francos para 5.000 empresas, das quaes 550 estão em Londres.

1.º L. Cellérier, *Littérature criminelle* (Romance de aventuras e cinematographo) Année Pédagogique. Tome II (1912).

A importancia das entradas dos cinemas em Paris attingiu, em 1913, a cifra enorme de 8.655.864 francos. Ha, nesta cidade, mais de 200 cinemas.

A popularidade desta diversão é evidente: os salões, em geral, permanecem abertos das 14 ás 25 horas; o preço das entradas é, quasi sempre, minimo e ao alcance de todas as bolsas, mesmo as mais modestas. Em algumas cidades inglezas, pode se assistir a uma sessão inteira por um penny. Em Berlim, a assistencia diaria é de 90.000 pessoas, sendo de 4.000 000 para a Inglaterra.

O cinema exerce um poder irresistivel sobre a criança, a tal ponto que, na E-cocia e em Bruxellas, rapazes têm commettido furtos com o fim de arranjar dinheiro para pagar suas entradas, não sendo raro encontrar-se meninotes mendigando um vintem para irem ao cinema. Em Glasgow, cidade com cerca de 800.000 habitantes, a policia fez um inquerito em 1912 e chegou a apurar o seguinte: as matinées dos sabbados assistem centenas de crianças de ambos os sexos que, na maioria, não são acompanhadas e têm menos de 14 annos. No dia 9 de Novembro desse mesmo anno, no salão «Picture House», ás 15 horas, havia uma assistencia de 850 pessoas das quaes 822 eram crianças de menos de 14 annos, entre ellas varias pequeninas, estando acompanhadas apenas 24! A 26 de outubro, ainda do mesmo anno, no «Wellington Picture Palace House» estavam mais de 2.000 crianças menores de 14 annos. Por toda a parte, verifica-se o mesmo phenomeno: o cinema exerce sobre o espirito da criança uma attracção intensa e irresistivel.

O motivo é que corresponde inteiramente á psychologia infantil, visto que põe em jogo o elemento de que a criança tem a necessidade instinctiva tão possante: o movimento. O cinema, pelas suas photographias luminosas e animadas, exerce sobre o seu espirito uma acção magica e fascinadora; a projecção toma facilmente a feição do maravilhoso e de mysterio a que a silenciosa escuridão do ambiente empresta um relevo impressionante; finalmente, satisfaz, mórmente nos meninos, o gosto da phantasia extraordinaria.

O CINEMA E O ENSINO. — Assim sendo, quão precioso auxiliar não seria para o ensino, si todos esses recursos, postos ao serviço do vicio e da immoralidade, fossem utilizados pela Escola! O cinema, affirmam, é o instrumento de instrucção o mais perfeito da nossa epoca. Um dos meios mais seguros de se prender a attenção consiste em recorrer aos phenomenos intuitivos e, justamente, o merito principal do cinema está em que torna o ensino *intuitivo*, attrahente e rapido, sobretudo o da historia, geographia, das sciencias physicas e naturaes, etc..

O cinema é um *meio universal* de pôr o mundo sensivel inteiro ao alcance dos alumnos: dá vida ao ensino de um modo notavel; o alumno mais desattento, o que menos interesse toma ás lições de seu mestre, o mais despido do espirito de curiosidade prestará toda a attenção a tudo quanto fôr projectado na tela cinematographica.

Por isso, ha sessões que poderemos chamar de escolares, havendo mesmo a idéa de que cada escola seja dotada de um aparelho, o que, aliás, já se verifica em varios estabelecimentos de ensino. Numerosos são aquelles que acreditam no futuro do cinema na escola, que julgam que os films tornar-se-ão o material didactico principal do mestre moderno e que estes occuparão, em classe, igual logar ao dos compendios.

O CINEMATOGRAPHO, PERIGO INTELLECTUAL — Hoje, entretanto, o valor do cinema, como auxiliar do ensino, é seriamente contestado. Em seguida a um artigo publicado em Julho de 1913, no «The Hibbert Journal», pelo snr. H. D. Rawsley sobre «A criança e as representações cinematographicas», um educador inglez, auctoridade na materia, o snr. Edward Lyttelton, director da Escola de Eton, apresentou algumas observações donde resalta nitidamente que é illusorio acreditar-se, sem restricções, no caracter educativo das fitas chamadas «instructivas».

Todo educador competente sabe que as projecções influem muito pouco na acquisição de conhecimentos solidos e, em sentido opposto, ellas concorrem muito para dar a impressão da instrucção, sem da-la na realidade.

A theoria de que os cerebros novos são receptaculos em que podemos despejar conhecimentos ainda está fortemente enraizada, até, mesmo, no espirito de educadores, pouco amigos da observação proficua, não obstante as provas em contrario que lhes apresenta a experiencia diaria. Diversos, todavia, já comprehendem que os novos conhecimentos devem ter como base os antigos. Por vezes, um mestre bem orientado mostra o quanto a instrucção é natural, amena, si é permittido que a criança empregue sua actividade propria, resolva seus problemas, sem auxilio... Ora, é impossivel conceber duas actividades do espirito mais diferentes de que a de alumnos descobrindo verdades por meio de experiencias que elles proprios fazem e a de entes jovens amontoados em um salão escuro para olharem os quadros que, em mudanças rapidissimas e successivas, representam todas as formas concebiveis da vida através do globo, como: as ruinas de um templo grego, uma aventura de amor no campo, os engraxates de Hong-Kong, uma caçada de leões no Nairobi, uma scena de policiaes no East End de Lon-

dres, etc. E' aceitavel que o espirito humano pode, como um ferro quente, ser posto realmente em estado de receptividade, a golpes repetidos de uma avalanche de factos desconexos e, muitas vezes, quando não sempre, inintelligiveis? Na realidade, a influencia do cinema é prejudicial ao ensino, do mesmo modo exactamente que o é a da leitura das informações nas entrelinhas dos jornaes baratos, isso, porém, em gráo mais elevado. Tal influencia ainda é enganadora, como o é a leitura irreflectida, não assimilada, mesmo dos bons livros, e difere desta por ser mais enganadora e perniciosa.

Em ultima analyse desse arremedo de instrucção, encontraríamos a idéa de que ha uma especie de magia nisso que factos, não assimilados, são lançados no espirito, como que a granel, sem que haja a minima preocupação do que lhes possa advir ulteriormente. Parece que se julga que a faculdade de reflexão precisa sempre desses factos como materia sobre a qual deva agir. Eu perfilharia, sem hesitar, as idéas de um abalado critico do espirito humano que affirmava, categoricamente, não existir uma só pessoa que tivesse a capacidade de ordenar todos os factos contidos em seu cerebro. Tal affirmacão, em todo caso, merece muita attenção e, sendo ella julgada verdadeira, deveria modificar as opiniões actuaes, não somente com referencia ás representações cinematographicas, mas, tambem, relativamente ás conferencias serias, no caso dos assistentes não estarem preparados para as mesmas...

Com relação á fadiga, é quando a criança está olhando gravuras que o cerebro novo está mais exposto a ella. Todas as differentes faculdades que possui o espirito para observar, lembrar-se, approximar as idéas, associar-as, estão em plena actividade, e o esforço feito pela criança deve ser analogo ao de um archeologo procurando decifrar caracteres quasi apagados. Abandonados a si proprios, os pequenos nunca olham muito tempo as imagens. D'ahi podemos calcular qual deve ser a tensão do espirito para que este possa acompanhar o andamento da phantasmagoria movente diante da qual ficam, por vezes, duas ou tres horas seguidas.....»

São muito justas estas considerações e ellas condemnam, mais uma vez, o cinema publico, mesmo quando exhibe fitas chamadas «instructivas». Devido a isso, porém, devemos excluir da escola o instrumento de cultura que pode ser o cinema em quasi todos os ramos do ensino? Não o cremos; mas, segundo pondera Ed. Lyttelton, precisamos reconhecer que o funcionamento do cinema na escola deve soffrer restricções que, segundo nos parece, devem ser as seguintes: as sessões não durarão mais de uma hora por dia; evitar-se-á cuidado-

samente a dispersão da attenção sobre um numero muito variado de assumptos, visto que a sessão deve illustrar o ensino em classe: historia, geographia, sciencias naturaes, hygiene, etc. O operador fará uma pausa longa entre cada projecção, devendo mesmo reter ou repetir a mesma imagem para que o alumno possa ver nitidamente, comprehender, reter, assimilar. Finalmente, a lista dos films deverá ser organizada por uma commissão de educadores e de sabios, sendo rigorosamente prohibido o uso de todo e qualquer film não incluído na lista. Não sendo absolutamente necessaria a escuridão completa, haverá uma luz diffusa no salão. Estas precauções — *indispensaveis* — estando tomadas, o ensino terá no cinema escolar um auxiliar precioso que poderá contrabalançar a influencia nefasta do cinema publico.

O CINEMATOGRAHO, PERIGO MORAL. Neste ponto os ataques são faceis: o perigo é patente e a sua importancia justifica o combate e diariamente lhe dá maior amplitude.

Não esperamos, sem duvida, que os golpes reiterados, mesmo viudo de altas personalidades, possam levar os poderes publicos ao fechamento desta escola do crime que é o cinema, mas desejamos que possam, pelo menos, deter seus progressos e reduzir consideravelmente os perniciosos effeitos de sua propaganda.

Appareceu em Bruxellas, ha algum tempo, uma fita sensacional representando o «*Suicidio de Bébé*», figurado por um menino sentado em uma poltrona e matando-se com uma bala de revolver. A monstruosidade de tal scena vai além de tudo quanto se possa imaginar. Em geral, os empresarios não tem tanta audacia; conhecedores de que genero de emoções as crianças são mais apreciadoras, exhibem scenas de desordem, de arrombamento, roubo, pilhagem, envenenamento, assassinato, desastres espantosos, operações chirurgicas, etc. O «*Cinema*», jornal bi-semanal, narra que a «*Sterling Camera Film. C.º*» passou uma fita de 210 metros reproduzindo, com todos os detalhes, uma operação de appendicite feita em um grande hospital de New-York.

Não citaremos mais casos: toda a gente tem visto os cartazes suggestivos, enormes, com cores berrantes, expondo a todos os olhares scenas patheticas, dramaticas, representações de crimes, etc.

O pergunto que o cinema faz correr á criança póde ser comparado ao da leitura immoral, com a differença que a imagem deixa no espirito uma impressão muito mais violenta e vivaz que o livro. A causa reside no caracter luminoso sempre oscillante (em sala escura) da projecção e na expressão dos gestos exaggerados, aliás de proposito, para accentuar os estados

d'alma mais fortemente. Ah! os empresarios são psychologos avisados!

O auctor insiste, com razão, sobre os graves inconvenientes do cinema relativamente á saude da criança, fechada durante horas em logar sem luz e sem ar; os olhos, os musculos, os pulmões ficam prejudicados; o systema nervoso, sempre em estado de tensão e continuamente excitado, provoca perturbações da circulação e molestias nervosas diversas. Os medicos mais abalisados no conhecimento das desordens mentaes estão de accordo com o neurologista italiano Snr. d'Abundo, que reputa o movimento vibratorio da imagem como desfavoravel aos neurasthenicos e que faz notar, ainda, que a contempção de scenas criminaes ou phantasticas pode, nos predispostos, determinar graves perturbações psychicas. Sob o ponto de vista physiologico os pequenos «habitues», sentados nos logares mais baratos, vêm as imagens sob um angulo muito grande, o que deteriora rapidamente a vista.

A impressão, por vezes, é tão forte que se transforma em verdadeira *suggestão*. O «*Matin*» narrou recentemente o facto seguinte: «Os jornaes allemães relatam que o director de uma escola de Budapest fez sciente ás auctoridades de que diversos alumnos seus, impressionados por uma fita policial que tinham visto em um cinema da cidade, tinham immediatamente organizado um bando de malfetores com o appellido de «Zigomar» e cujos delictos já eram numerosos. O facto é que estes bandidos precoces já tinham commettido, na cidade e seus arredores, verdadeiras depredações cujo producto repartiam entre os membros do bando.

O Snr. Vidal Plas cita, entre muitos, 3 casos typicos seguintes: Em Jemeppe, um jovem apprendiz metallurgista foi encontrado assassinado em um trigal. Foi encontrado em um dos seus bolsos, uma caderneta em que o assassino havia escripto o nome da victima, a data do crime e assignado «Z». O juiz poude decifrar o «Z» mysterioso. O autor do crime, tambem jovem apprendiz metallurgista, confessou ter escripto as duas linhas e a letra «Z», como assignatura abreviada de Zigomar, o bandido que admirára no cinema!

Em Liège, um pirralho de 10 annos, grande amator de cinema e litteratura policial, fugiu da casa paterna, levando 25 francos e um revolver e deixando um bilhete assim redigido: «Não me procurem; sigo para a America.» Foi preso pela policia em Amsterdam.

Em Leeds, uma criança de 12 annos, suggestionada pelo cinema, tentou fazer descarrilar collocando 5 pedras grandes sobre os trilhos, um trem que ia de Leeds para Londres, levando uma

centena de viajantes com uma velocidade de 100 kilometros por hora. A catastrophe foi evitada devido aos signaes feitos pelo machinista de um trem que vinha em sentido inverso. A culpabilidade do menino foi perfectamente estabelecida, tendo o pai declarado no tribunal que seu filho era grande apreciador de cinema e que vira, ultimamente, um film representando um descarrillamento provocado desta maneira. O menino foi condemnado a receber 5 chibatadas, o pai nas custas e o empresario do cinema?.....

E', pois, evidentissimo, a influencia perniciosa do cinema publico: é necessario intervir com urgencie para deter o seu desenvolvimento.

PAPEL DOS PODERES PUBLICOS E DA ESCOLA. — O inquerito promovido pela «*Société belge de pédotechnie*» junto ás municipalidades de varios paizes da Europa, America, Asia, Australia, nos offerece uma documentação das mais instructivas com referencia ás medidas tomadas nesses diferentes paizes relativamente ás representações cinemetographicas (indicação das medidas, sua applicação e seus resultados).

O Snr. V. Plas, em seu livro, propõe uma série de medidas que parecem boas, embora sua efficacia não seja irresistivel. Duvidamos, confesseino-lo do effeito da intervenção dos poderes publicos: estes acodem ao mais necessario; prohibirão, certamente, as scenas de sangue e de luxuria, mas não irão adiante. Procurarão saber o que a fragil consciencia da criança pode suportar e, mesmo, com que criterio farão dosagens tão subtis? As auctoridades não podem vedar ás crianças a entrada dos cinemas sem ir de encontro á opinião publica; dirão: aos paes cabe conhecerem seus deveres... e seus filhos; são elles que devem prevêr, permittir, recuar, etc; o Estado não deve assumir uma responsabilidade que descansa inteiramente sobre os hombros dos paes.

Pedimos aos poderes publicos unicamente o seguinte: que os espectaculos destinados ás «matinéas ou soirées» annunciados como «*infantis*» não contrariem a obra de formação moral ainda não acabada; que sejam prohibidas, terminantemente, scenas policiaes ou criminaes, de dramas passionaes, de adulterio; que não passem as sessões de uma hora, no maximo; que haja luz diffusa no salão em vez de escuridão. E', ainda, de todo conveniente, a projecção, na tela, de recommendações relativas ao panico em caso de perigo.

Como salvaguarda da infancia, contemos principalmente com a Escola (não falamos da acção do educador que pode muito, nem da dos parentes que, em geral, é nulla quando, por ignorancia ou vicio, não é contraria!).

Parece que a introdução do cinema na Escola, com as restricções já indicadas, constituindo não mais um meio de ensino intuitivo sómente, mas, um meio de distração e de divertimento também, poderia ter uma influencia benéfica, desviando as crianças do cinema publico que, por outro lado, procurariam moralisar um pouco.

O problema é difficil, por não possuir cada escola o seu cinema proprio; a solução, porém, é essa e só essa poderá preservar a infancia da influencia nefasta que soffre nos cinemas publicos.

C. G.

A gloriosa missão do professor primario

PALESTRA LITERARIA REALISADA NUMA FESTA ESCOLAR EM JAHÚ

Minhas senhoras, meus senhores:

Gloriosissima, sob todos os pontos de vista, é a carreira que escolhemos — a carreira da educação nacional, no dizer suggestivo de um escriptor emerito.

E qual outra supporta sobre os hombros a alta responsabilidade de formar o caracter dos futuros cidadãos de uma Patria livre, e o coração das futuras mães que mais tarde serão o consolo e a alegria dos lares que formarem?! Nenhuma.

O *advogado* salva o innocente, quebra os varões dos carcerees para libertar a Justiça; fal-o, sim, mas quantas vezes é injusto!

O *medico* — profissão que constitue um verdadeiro sacerdotio, quando desempenhada com amor — cura as chagas da materia, pensa as feridas do corpo, socorre com solicitude os desgraçados que o procuram: mas... as doenças do espirito, a hygiene d'alma, a formação do caracter e do sentimento, a educação da vontade, oh! isso tudo é tarefa que compete ao zelo, ao amor e ao entusiasmo do humilde *professor primario!*

E devemos nos acobardar ante a grandeza da missão que se nos impõe? Devemos temer as iras das tempestades, que nos alcançarão em meio da jornada? Devemos fugir ao sacrificio da nossa personalidade pelo engrandecimento da Patria? Será digno abandonarmos a areia luminosa que escolhemos, por falta de coragem, estímulo e perseverança?

Não. Sejam fortes, e patriotas acima de tudo. Eduquem-nos para educar aos outros, supportemos com resignação a ironia dos maus, olhemos com superioridade as baixezas da terra, e não nos consideremos nunca em plano inferior a quem quer que seja. Basta que sejamos homens, para sermos iguaes aos reis, aos ministros, aos ricos, em resumo, aos *enfatuados* de hoje e de todos os tempos.

Nós, moços, nascidos numa Republica liberal, embalados pela aragem consoladora da Liberdade e do Direito, Liberdade e Direito conquistados por muito sangue e muito sacrificio, atravez

de luctas politicas innenarraveis, não podemos tremer diante da estatua obesa de um "bezerro de ouro" e nem ante as figuras hediondas do Orgulho e da Vaidade!

O professor primario póde levantar a cabeça, com serena e justificada consciencia do seu valor, não por possuir thesouros accumulados á custa da miseria e das lagrimas dos infelizes, não por pertencer a esta ou áquella familia, mas... pelo simples facto de ser um professor.

E este já está conquistando na sociedade o verdadeiro lugar que lhe compete, pelo seu desprendimento, pelo seu talento e pelo seu trabalho.

Ha entretanto, professores que trabalham const'rangidos, como que esmagados sob um peso formidavel. Queixam-se da insignificancia dos vencimentos, das injustiças politicas, do proteccionismo reinante da sociedade, de tudo...

Tambem, na França, notou Jules Payot o mesmo symptoma enervante de fraqueza mental. Diz elle: «Ha um defeito que ridicularisa muitos professores e professoras. Esse defeito, que consiste em se queixarem incessantemente, provém de uma certa fraqueza de imaginação constructiva, que os torna incapazes de constituir o estado de espirito do camponez e do operario.»

«Ninguém obrigou o professor a escolher a carreira da educação nacional, disse o grande mestre: foram elles que a escolheram. Tal escolha é como o juramento de honra de cumprir o seu dever.»

Somos realmente mal remunerados, têm alguns dos nossos collegas soffido perseguições monstruosas... Mas, antes de envergarmos o pesado burel do nosso amargo sacerdocio, já sabiamos de tudo isso. Ninguém nos illudiu com promessas fagueiras e cantares de amor, como as sereias da lenda! Escolhemos conscientemente a nossa profissão, e com a maxima consciencia, procuramos desempenhal-a.

E' árida e pedregosa a montanha a que vamos ascendendo; ha nos caminhos cardos e sarças que nos fêrem os pés; agachados nas trevas, estão os setteiros da Inveja e os monstros da Calumnia... Mas, nós somos moços e fortes: com a espada tranquilla da Prudencia e a armadura scintillante do Trabalho, sahiremos vencedores, alcançando briosamente o cume da montanha, onde resplandece e impera a cruz magestosa da Justiça! Ao lado, porém, de muito soffrimento e muita angustia, temos nós, professores, os nossos momentos de alegria e prazer. O campo vastissimo do magisterio abriga tambem as suas flores, e estas os seus aromas. O professor é um grande artista.

E é ainda o autor citado da *Educação da Vontade* que apregoa: «Como um esculptor abre, num bloco de marmore, con-

tornos de uma serena belleza, assim o mestre experimenta uma profunda alegria em libertar, das sujeições da animalidade, a intelligencia e a vontade das crianças que lhe estão confiadas. Nenhuma obra de arte equivale a esta.»

E não é um professor que diz isto: e sim um curioso, um alto espirito investigador das verdades eternas. E' Jules Payot, nome justamente acatado em todo o mundo intellectual por suas admiraveis produções literarias, quem nos colloca, a nós e a nossa gloriosa missão de evangelistas, acima de todos os sacerdosios terrenos.

Uma vez apresentados os sacerdotes da sagrada religião do Ensino, tiremos respeitosa e o chapéu, para entrarmos nesse templo bendito que se chama — a Escola.

Gosae por um instante as delicias e os primores literarios da *A Cidade da Luz*:

Vós que buscaes a senda da esperanza,
entrae: aqui ha mundos luminosos
num céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gosos;
vinde para o paiz da primavera,
vós, que deixaes os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
que sahireis estrelas redivivas,
como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
abri as vossas azas rutilantes;
entraí, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas destes porticos gigantes
haveis de lér uma inscripção, que alente
os vossos vãos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
como o mergulhador do mar do oriente

Que sóbe á tona leve e festejado,
e vem de tantas perolas coberto
que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden no deserto,
fazer um sol de um monte de granito
e para ver melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
 entrar pela estellifera voragem,
 ser razão o fanal, verdade o mytho.

E armado de tenaz, feroz coragem,
 arrostando os enigmas da vida,
 cavar nas trevas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
 Entrae: por mais que a noite em vós se note
 tereis um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote,
 que na porta da entrada arde e flammeja.
 Entrae: a escola é cathedral, igreja;
 hostia — a sciencia; o mestre — sacerdote. —

Estes versos magistraes de Luiz Delfino definem claramente a nossa missão e grandeza da nossa Escola. Esta é a continuação do lar. A criança de seis annos, que abandonou os braços de sua mãe, os seus beijos de amôr e os seus afagos, aqui encontra, na mestra carinhosa e digna, o mesmo affecto, o mesmo carinho, o mesmo desvelo. Não desprende uma lagrima, não manifesta um symptoma de dôr, sem que a solícita professora lhe não estenda, amorosamente, os seus braços de mãe. Não commette uma falta, por menor que seja, sem que ao seu lado se não apresente, bondosa e meiga, para a guiar, a imagem protectora da mestra.

E é isto, meus senhores e minhas gentilissimas patricias, a maior garantia da nossa Escola, o verdadeiro padrão de gloria dos nossos Grupos Escolares.

Não sei explicar, no entanto, a prevenção injusta de certas familias cultas contra os nossos estabelecimentos de ensino.

Methodos? Temol-os os melhores, os mais aperfeiçoados, os mais modernos, os mesmos adoptados nas melhores escolas dos Estados Unidos, bem como de outros paizes adiantados do globo. São os nossos professores, como o exige a Pedagogia moderna, verdadeiros psychologistas praticos: elles penetram fundo na alma das crianças, para estudar-lhes o sentimento e o character.

Moral? Temol-a baseada nos mais sãos principios da Philosophia positiva. Formamos o character das crianças, despertamos-lhes n'alma os mais puros sentimentos de abnegação, altruismo e civismo, apontando-lhes, como norma definitiva para os seus triumphos na terra — o cumprimento rigoroso do Dever. E é sobre este ponto, o mais importante da nossa missão educativa, que devem meditar profundamente, patrioticamente, os meus caros collegas.

Trabalhemos com amôr, com verdadeiro entusiasmo, tendo em mira só o engrandecimento da Patria, pela formação moral, intellectual e physica, dos futuros dirigentes da Nação.

Religião? E' verdade que não ensinamos religião aos alumnos, não lhes ensinamos rezas nem catecismo, mas sabemos tambem respeitar, com educação e tolerancia, as crenças dos seus maiores e os germes indecisos que cultivam no coração.

Meio? Mas, todos os meios escolares são máus, sem uma fiscalisação perfeita. E esta, temol-a segura. O alumno não faz um gesto, não dá um passo, que não seja observado pelo olhar arguto do professor dedicado. De maneira que é mais facil os máus se tornarem bons, do que estes se viciarem.

Porque o Grupo é uma escola para pobres?

E' um erro, porque é um estabelecimento popular, feito pelo proprio Povo para a educação dos seus filhos. E, em suas classes, com salas arejadas e claras, sentam-se alegremente o preto ao pé do branco, o rico ao lado do operario. E' elle, nos dias de hoje, a mais alta representação das democracias hodiernas.

Vem muita a proposito contar-vos aqui um facto, eloquentemente significativo, succedido num dos Grupos da Capital, ha já alguns annos. Um dos nossos mais illustres secretarios do Interior, visitava, em companhia de outras pessoas gradas, um estabelecimento recém-installado. E, na occasião do recreio da petima satisfação e dirigiu-se ao Director, nestes termos: «Acceite os meus parabens, meu caro Director, por mais esta conquista, pois, tenho sido accusado (bem injustamente!) de crear grupos sómente para os filhos felizes da aristocracia. Continúe e teremos realizado o nosso ideal perfeito»

As portas do nosso templo acham-se abertas de par em par a todos os peregrinos do saber, sem as distincções hypocritas de côr, nascimento e nacionalidade. E é tão flagrante a ignorancia de uma parte da nossa sociedade relativamente ás nossas casas de ensino que, algumas pessoas, ingenuamente, perguntam si no grupo se aceitam tambem... *negrinhos!*

Nos Estados Unidos, paiz modelar a respeito da Instrucção Publica, os presidentes da Republica são os primeiros a educar os seus filhos nas escolas mantidas pelo Governo. E é dessa firmeza de convicções, dessa coherencia admiravel em seus actos sociaes, que resulta a grandeza, cada vez crescente, da extraordinaria potencia americana.

Meus senhores.

Comparae a força, a pujança, a grandeza do nosso Estado com os demais Estados da Un'ão, enfraquecidos pelo analfabetismo, e dizei-me qual a causa dessa differença? — A acção do

professor primario, distribuindo, corajosamente a luz por todos os recantos deste pedaço glorioso do Brasil, como, na aurora da nossa civilização esse vulto colossal de Anchieta atravez das florestas sombrias, aos indios ensinando :

« o Amôr, a Religião, o sacrificio,
elevando a Virtude e condemnando o Vicio,
rasgando invios sertões, unicamente
tendo por armas — uma voz consciante
e um simples crucifixo. »

Vêde os nossos professores, herdeiros legitimos dos Bandeirantes de outras éras, que desbravaram sertões em lucta continua e resignada contra as intemperies, as febres das regiões insalubres, a natureza em revolta contra elles, para implantar a civilização e o progresso ; vêde esses moços de hoje, fracos na apparencia, mas fortes no sangue e no enthusiasmo, correrem pressurosos ao chamamento dos nossos irmãos de outros Estados, sequiosos de Instrucção, sedentos de Saber ! Ahi estão muitos de nossos esforçados collegas, emprestando o seu valioso concurso na reorganização das Escolas de outros Estados e das de nossos futuros marinheiros.

E são os governos dos Estados, e o Governo da União, que assim applaudem o nosso esforço, premiando o valor innegavel do professor paulista.

De S. Paulo, a terra classica da Liberdade, donde brotou a idéa generosa da emancipação politica de nossa Patria, cujos campos verdejantes ainda hoje repetem o grito de « Independencia ou Morte ! » ; donde, em todos os tempos, têm partido as mais nobres e formosas iniciativas, de S. Paulo, o berço inolvidavel dos Andradas, ha de partir tambem o germen fecundante da regeneração nacional.

A grandeza do Brasil, a sua prosperidade, as suas riquezas, a sua lavoura, o seu progresso, o seu Futuro emfim, tudo o que constitue as nossas mais puras aspirações patrioticas, tudo será tanto maior, quanto mais profundo e sincero fôr o nosso amôr pela terra bemdita que nos viu nascer !

OSCAR BRISOLLA.

AS AVES

Competentemente autorizados pelo illustre escriptor, snr. Ricardo Gonçalves, transcrevemos, em nossas columnas, a bellissima conferencia que, pelo mesmo, foi lida no salão do Club Germania, por occasião da festa do Club Eclectico, em beneficio das victimas da secca do Ceará.

Para essa linda pagina literaria chamamos a especial attenção dos nossos leitores.

Ha por este mundo, minhas senhoras e meus senhores, uns homens sempre graves e sérios, cuja presença é bastante por si só para arrefecer todos os enthusiasmos e pôr còbro a todas as expansões ; uns homens a cujos labios difficilmente affora um sorriso e cujos olhos aridos e seccos a orvalhada refrigente das lagrimas jámais enturvou.

Esses senhores, em toda a sua vida, certamente nunca se curvaram para beijar os cabellos sedosos e ouvir o papagueio confuso de uma criança de tres annos ; nunca sentiram um fremito de emoção á leitura de uns bellos versos, ou em face de um aspecto empolgante da natureza e, provavelmente, jámais tiveram que se envergonhar de um arroubo de ternura, como de uma fraqueza inescusavel.

Para elles, como para aquelle fidalgo da « Morgadinha de Val Flor », versos são linhas, que não chegam ao fim do papel, e uma clara e radiosa manhã de sol outra coisa lhes não sugere senão a possibilidade de sahirem á rua sem guarda-chuva.

Homens fortes, homens praticos... chamam-se elles a si proprios. Pobres homens !... digamos nós. Infelizes, que desconhecem a deliciosa, a ineffavel embriaguez do sonho. Desventurados, que nunca sentiram dentro em si a palpitação dessas estranhas azas que nos elevam acima das feias realidades da vida.

O mundo, para elles, é o desfiladeiro estreito da ambição, de que fala Lucrecio — em que os homens se atropelam, e se disputam o terreno palmo a palmo, rilhando os dentes, promptos a se devorarem entre si, como uma alcateia enfurecida pela fome. E como para abrir caminho é preciso ser forte,

elles tratam de ser fortes, e de enrijecer a alma no espectáculo quotidiano da violencia, e de enrodilhar-se cada vez mais no seu egoismo, como o caracol na sua crusta, e de fechar o coração, irremessivelmente, aos appellos divinos da misericordia e da bondade. Os homens fortes... E' escusado dizer-vos que não foi pensando nelles que eu escolhi o thema frivolo, insupportavelmente frivolo, talvez, desta minha palestra.

Não é a elles, portanto, que eu me dirijo. Nem a elles, nem aos sabios. São os sabios, minha senhora e meus senhores, umas personagens altamente respeitaveis, merecedoras de todo o acatamento, mas que têm o pessimo vezo de dar a tudo quanto existe, ás mais lindas flôres, ás mais encantadoras aves, uns nomes arvezados e horrendos, em latim. Gomes Lealhes não perdoava o terem baptisado a deliciosa florinha que romanticamente se chama «não te esqueças de mim», na linguagem popular, com a denominação de «myosotis scorpioides», um horror que quer dizer simplesmente isto: «orelhas de rato em forma de escorpião». Razão de sobra tinha Nodier quando exclamava: «Felizes as flores que jámais encontraram um botânico em seu caminho!»

NOSSAS AVEZINHAS

Outro tanto podemos nós dizer das aves e dos ornithologistas. Não dais um passo pela matta na companhia erudita de um desses colleccionadores de aves empalhadas, sem que elle vos indigite gravemente um «Stephanophorus glaucocephalus», ou um «aphantocroa cirrochieris», ou, na melhor das hypotheses, um «Thalunia glaucopsis». E quando, cheio de mudo assombro, buscais no horizonte o proprietario de qualquer desses appellidos respeitaveis, a Ornithologia endireita os vossos olhos na direcção de um modesto João Paraná, que anda atarefadamente a catar bichinhos na sombra de uma sebe, ou na de um minusculo «Bico de lacre», que entôa o seu ritornello, empoleirado no galho secco de uma grumixama.

O caboclo é incontestavelmente mais feliz na escolha dos nomes com que baptisa os pequeninos moradores da selva. Aqui temos, por exemplo, o «dorminhoco». O nome assenta-lhe ás mil maravilhas. E' de facto um madraço impenitente.

Convenceu-se da inutilidade de todo o esforço e de mais nada cuida senão de dormir ao sol, numa beatidade invejavel. Uma carga de chumbo esfusia-lhe, ás vezes, a um palmo do cocuruto, sem que elle se resolva a bater a linda plumagem, em busca de pouso mais seguro. Quando muito muda de galho; e põe-se dalli a considerar philosophicamente o intruso

que o veiu arrancar ás delicias da sesta, com a sua pilheria de máu gosto.

Outro exemplo: a «viuvinha». A viuvinha deve o nome á côr negra da roupagem. Uma pompa de alvura deslumbrante contrasta com os lufuosos crepes da sua viuvez. E' uma viuvinha deliciosa que, provavelmente, não levará muito tempo a se reconciliar com a vida e a banir do seu coraçãozinho voluvel a imagem do defunto. Convencemo-nos disso, vendo os giros caprichosos que ella descreve em torno do seu galho, com um desgarrar, uma desenvoltura, que hão de dar que fazer ás linguas maldizentes, se é que as ha no seio da floresta.

Outro nome acertado é o do «bem-te-vi». Não ha quem o não conheça. Frequentissimo na vizinhança das habitações, o ouvido não tarda a se familiarizar com os seus assobios zombeteiros, tal a insistencia com que elle os repete, ou, quando á beira de um açude vê reflectir-se nagua o jalde magnifico das pennas, que lhe vestem o peito, ou, quando á espera da presa, se equilibra na haste balouçante dos bambús. De resto, um terrivel caçador de insectos, dotado de uma prodigiosa acuidade visual, que lhe permite lobrigar a presa minuscula a grandes distancias e a precipitar-se sobre ella, num vôo rapido e certo.

Ora, quem dispõe de olhos tão penetrantes, forcosamente ha commetter indiscripções. E' o caso do «bem-te-vi» de que nos fala Mello Moraes.

O sitio era solitario e Daphnis e Chloé imaginavam-se ao abrigo de olhares indiscretos. Mas o abelhudo passaro tudo viu, e não se teve que não sahisse a divulgar, de moita em moita, o segredo dos dois namorados imprudentes.

Aqui temos ainda o «João de Barro». João e Maria são os prenomes favoritos dos nossos caipiras.

Com elles baptisam os filhos; com elles appellidam as aves. A mata conta uma infinidade de Joãos e Marias: o João Paraná, o João Bobo, o João-doido, a Maria-papuda, a Maria-é-dia — para não recordar senão os que toda a gente conhece.

O João de Barro é, porém, infinitamente mais interessante que qualquer dos seus homonismos. Pae amoravel, nem bem se avizinha a época da incubação, começa a trabalhar na feitura do ninho, preocupado com a segurança e o bem estar da futura prole. E nada mais curioso do que ver o modo azafamado com que transporta no bico os pelotes de barro necessarios para a edificação do seu tugurio. Os seus ninhos não têm a perfeição e a graça do ninho dos beija-flores — maravilhosas miniaturas tecidas em musgos, pennas e flocos de paina — são construcções de barro, solidas e confortaveis, bem

mais solidas que muitos desses ranchos de caboclo, que encontramos, ás vezes, pelo sertão, com o adobe esburacado e aberturas no sapé, tão grandes que por ellas se podem contar todas as estrellas do ceu...

O João de Barro tem entre os sertanejos uma fama sinistra. Conta se d'elle que costuma emparedar a companheira, murando a porta da casinhola, nem bem os filhotes já emplumados, entram a ensaiar os primeiros vôos.

OS TANGARÁS

Não sei o que ha de verdade nessa historia arrepiadora. O que posso garantir-vos é que o João de Barro é o architecto da mata, assim como a araponga é o seu ferreiro e o tangará o seu bailarino. Já ouvistes falar certamente na dança dos tangarás. Ha quem ponha em duvida as habilidades choreographicas dessas interessantes avezinhas. Mas é que os tangarás não se deixam surprehender facilmente nos seus folguedos, nem seriam elles tão ingenuos que fossem participar a algum ornithologista mal intencionado a hora e o lugar das suas reuniões.

A hora é a da sesta, precisamente quando as outras aves cabeceiam no mais intrincado das frondes e a quietação é tal, que se póde perceber distinctamente a bulha, que faz ao cahir um coco de jissara, desprendido do cacho pelo bico recurvo de uma tiriba. O lugar é quasi sempre um desvão sombrio, interceptado aos olhares profanos por uma cortina de palmeirinhas anans ou de tinhorões selvagens.

A dança, eis como nol-a descreve um rimador obscuro, cujo nome, se eu o declinar, decerto pela primeira vez soará aos vossos ouvidos :

Na matta aromal que é um templo,
Cheio de sombra e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre um relvoso tapete,
Esse engraçado minuete
Que dansam os tangarás.

Canta um sabiá na espessura
A merencoria canção.
Limpo de nuvens fulgura,
Entre o rendilhado crivo
Das arvores, o festivo
Azul de um céu de verão.

E, sob um tecto odorante,
Se aduna o bando jovial :
Tem um pennacho o marcante ;
O córrego somnolento
Murmura o acompanhamento,
Com trinclidos de crystal.

Na matta umbrosa, que é um templo,
Cheio de aroma e de paz,
Horas perdidas contemplo,
Sobre o tapete da relva,
A maraviilha da selva,
A dança dos tangarás.

Penetra na selva, á hora indecisa do alvorecer.
Uma vereda torcicolante guia-vos os passos. A principio não podeis distinguir ainda os contornos das arvores, que a bruma envolve, embora no céu, entrevisto pelas abertas da folhagem, uma vaga claridade se derrame, precursora da manhã. A cada instante paraís sobresaltado, ouvindo o brusco farfalho dos ramos sacudidos pela fuga de um animal esquivo, ou então, o estalo d'azas de um passaro que desperta e que sacode das pennas o orvalho da noite.

Nem uma voz turba ainda o silencio da floresta. Subitamente retine pela brenha um trillo prolongado e sonoro. Outro lhe responde da beira do caminho. E, pouco a pouco, do fundo das grotas, do alto dos espigões, do recesso das coivaras, os nambús entram a desferir os seus appellos vibrantes como as notas estridulas de um clarim.

O PICAPÁU

Depois, a claridade augmenta; a paizagem anima-se. O olhar já distingue entre o verde sombrio da vegetação os leques das jissaras, a prata fosca das embaúbas, o ouro dos ipês. Começa então o bulício da vida. O picapau enceta a faina costumeira. Com o seu bico em fórme de escopro, eil-o que percute um velho tronco, numa auscultação methodica e paciente.

Quem o vê, a tamborilar dessa maneira, sacudindo o pennacho, com trejeitos de funambulo, cuida que elle, por não poder associar-se ao concerto das outras aves, se satisfaz com o papel de regente e marca lhes o compasso. Puro engano! O picapau trabalha: o picapau anda a ver se descobre, no ôco

de uma dessas arvores carcomidas, uma colonia de vermes que forneça pabulo abundante á sua voracidade.

Por isso é que se não cansa de auscultar o tronco inteiro, percorrendo-o em todos as direcções, de tal modo absorvido nesse exame que, muitas vezes a presença importuna do homem, sob a arvore em que moureja, não basta para o distrahir da sua tarefa. E' um trabalhador infatigavel que nunca poudo comprehender a gloria das aves cantadeiras; — e certamente vota um desdem profundo aos sarucás e aos pavôs, que não fazem outra coisa senão exhibir, indolentemente, pelas clareiras batidas de sol, o esplendor parasidiaco da sua plumagem.

Mas, enquanto o picapau trabalha, em torno a floresta re-soa de trillos, de ruffos d'azas e de gorgeios. As jurutis entram a circumdar, gosando a fresca da manhã, pelas trilhas quasi imperceptiveis do arvoredado, esbeltas e ariscas; escondida entre a ramaria, sóta a araponga o seu grito metallico; e de quando em quando corta os ares, por sobre as arvores mais altas, o bando taralhante das maitacas.

AS MIL VOZES DA SELVA.

Eis como o nosso grande Alberto de Oliveira descreve o «canto assombroso», a «symphonia phantastica» da selva:

Um chão de folhas sob um céu de flores,
Eis a matta. Recebe-nos á porta
Do templo de verdura
Azul, trefega, leve borboleta,
Que volateando inquieta,
Vae pelo atalho, o espaço corta.
E nos guia na selva espessa e escura.
Outras, alada chusma de mil cores,
Vêm-lhe ao encontro, farfalhando. Agora
Vê onde mais surprêso
O olhar se te demora:
Olha estes ramos a vergar com o peso
Das benonias em flôr; olha o disforme
Entrelaçado de cipós que os fios
Lembram suspensos de uma aranha enorme;
Olha estes hartos troncos, luzidios
Uns, refos outros, uns desempenados,

Outros recurvos, tortos, semelhante
Em contorsões vultos de condemnados;
Olha... Este grito? este tinir que escutas
De martello em bigorna? estes gemidos?
Estes soluços e risadas longas,
Ais, assobios, e, de quando em quando
Silvos, cochichos, guinchos e estalidos?
São aves, são gaviões, são arapongas,
São guaches e tucanos, são nas grutas
Insectos e reptis... Canto assombroso!
Symphonia fantastica!

Ella ouvia.

— Que é isso? E eu lhe explicava
O hymno da selva.

UM LIVRO A FAZER

Sobre as aves brasileiras não existe ainda um livro que, remotamente, se pareça com o livro admiravel, que sobre as Aves de França, escreveu Toussenel. Por via de regra, os poucos estudiosos que, entre nós, se têm dedicado ao assumpto, se limitam a meia duzia de observações seccas e desinteressantes sobre cada especie, e isso mesmo numa linguagem inçada de termos greco-latinos, que tornam bem pouco attrahente a leitura das suas monographias.

Nem um delles soube contar num estylo despido da farragem inutil dos termos scientificos, a vida, os costumes. — e porque não dizê-o? — a psychologia desses pequeninos seres, a que S. Francisco Xavier chamava enternecidamente os nossos irmãos inferiores. E, no emtanto, posso garantir-vos que seria de um interesse palpitante a historia das nossas aves, contada por quem as tivesse observado de facto, dia a dia, instante por instante, não através das grades de um aviario, mas no esplendido scenario da matta virgem.

E' claro que uma obra dessas não poderia ser levada a cabo por um desses naturalistas de gabinete, para os quaes é bastante uma hypothese fundamental, «que não faz senão deslocar o plano das trevas», como diz Maeterlinck, algumas theorias mais ou menos engenhosas, e uma vã nomenclatura e, que de posse disso tudo, cuidam ter devassado os mais impenetraveis arcanos da natureza e da vida.

Quanto ao methodo a seguir na confecção de um tal livro, nada mais simples... Tres letras o resumem: ver. Ver com pa-

ciencia, como quem dispõe da eternidade; ver com sympathy, como o genial velhinho de Serignan viu, durante 50 annos da sua bella existencia solitaria, o mundo quasi invisivel dos insectos.

O BEIJA-FLOR

Ora, o capitulo mais curioso dessa obra que tenho andado a idealisar, seria, sem duvida, o que descrevesse o beija-flor. Os beija-flores são a obra prima da natureza tropical. O berillo, o topazio, a amethysta, a esmeralda, o rubim, a saphira — todas as pedras preciosas estão representadas na roupagem rutilante dessa criaturinha sem par. E' um deslumbramento com azas, um milagre vivo...

Assim, comprehende-se que essas encantadoras avezitas deslumbrassem os primeiros colonos europeus, do mesmo modo que já impressionavam vivamente a imaginação do selvicola, para quem o guanumby era a alma dos mortos em visita á floresta natal.

Só o Brasil possui 80 variedades de beija-flores — e mais de um naturalista eminente tem vindo á nossa terra com o fito exclusivo de estudal-as. Infelizmente, de todas as aves os colibris são os que pagam maior tributo á garridice feminina e todos os annos vão figurar nos monstros das lojas de modas, milhares e milhares dessas criaturinhas deslumbradoras, que, pela sua fragilidade e pela sua belleza, deveriam ser intangiveis e sagradas.

Custa a crer que, movido por estúpida ganancia, possa alguém tirar a vida aos colibris! Mas quer com fito de lucro, quer simplesmente como desporto, o massacre das aves é sempre uma crueldade estúpida e revoltante.

Sei de um caçador que busca justificar os seus crimes inexpiables, com argumentos que serviriam, no jury, para a defesa dos mais truculentos facinoras. Diz elle, que, de quando em quando repontam do fundo do seu ser, os instinctos de manha e de astucia do homem primitivo; que a paixão da caça é nelle uma fatalidade organica, um simples phenomeno de regressão atavica.

S-ja como fôr, eu desejaria que todos os caçadores se parecessem com aquelle de que fala, nestes versos admiraveis, o grande poeta do «Parahyba».

Para me distrahir, tomo a espingarda, e saio.
Se alguma vez em ti, exulcerante, a dôr
Mal contida explodir, estalar como o raio
E ameaçar abater-te, homem, sê caçador.

Se caçador, mas não como o que em teu caminho,
Trauteando uma canção, vês, ás vezes, passar,
A arma direita ao hombro, á cinta o polvarinho,
O olhar agudo e máu, se não feroz o olhar.

Este, que já tão cedo, antes que o dia nasça,
A intempestivo tiro a serrania atrôa,
E com a nevoa que lá nos pincaros revôa
Mistura o fumo azul da polvora de caça,

Este entranhas não tem; sahiu porque preciso
Ao seu máu coração era matar, e mata.
Ao vel-o apparecer, treme assustada a matta,
Todo passaro cessa o canto, de improviso,

Foge todo animal, porque á sua passagem
Fica por terra um corpo estrebuchar exangue,
Fica um pouco de sangue, um rastilho de sangue,
Um reflexo de sangue em meio da folhagem.

Não o imites jamais! Para o festivo canto
Transmudares da selva em gemido de dor,
Para levar a tudo a morte, o assombro, o espanto,
Por um prazer só teu, não sejas caçador.

Mas se secreto mal á solidão te arrasta,
Porque a dôr muita vez para espraiair se a exige:
Se — não em corações, mais n'uma sombra vasta,
Amas vasar teu pranto e o pesar que te afflige,

Sae, rompendo a manhan, quando para o trabalho
Vai o camponio; ao sol a tua frente mesta
Entrega; molha os pés nas perolas do orvalho,
Toma o caminho inculto e procura a floresta.

Exclame quem te vir com a carabina ao hombro,
Não vendo o coração e a estalar-te de dor,
E exclame, do arvoredo a procurar o ensombro,
A ave, exclame o reptil: ahí vem o caçador!

Justo é que a arma estouraz empunhes e a dispare.
Em soido horrendo e atróz, pobre espirito emfermo!
Oh! mas melhor farás, deixando os quietos ares
Quietos, quieto o mysterio e a scena augusta do ermo.

Diversão ao teu mal melhor de que esta, e encanto
Seja dos olhos teus a solidão que interrogas,
E onde uma a uma (tanto é o seu poder e tanto
Seu milagroso amor!) as lagrimas afogas.

Entra, assim como entrei, pelo arvoredado enorme,
Ouve-o, assim como o ouvi, quando o sacode o vento;
Senta-te onde se senta o granito que dorme,
Pensa onde erra da selva o grande pensamento;

Basta-te ouvir-o e amal-o. As aves não persigas,
Deixa as feras em paz no seio das cavernas;
Volve os olhos acima ás arvores amigas,
Volve-os da criação ás bellezas eternas.

Somno e scisma da gruta onde o cipóal se estende,
Silencio e solidão que a meditar convida,
Vae, alma soffredora, interrogar, e aprende
Em tudo que alli vês a respeitar a vida.

Doe-te do que se arrasta e a ver o sol se lança,
Do que raiva ou soluça, e a que ninguem soccorre;
Do que em folhas, do chão, verdes como a esperança,
(Bem como um sonho teu) mal desabrocha, morre.

Doe-te de toda a dor, dos homens ignorada,
E que em tudo latente e a tudo unida existe,
E em seu modo de ser, tanto é mais abafada
E mysteriosa, quanto é mais profunda e triste.

Ouve do coração com o delicado ouvido
Irromper desse chão onde teus olhos pousas,
Numa larga espiral, gemido por gemido,
A queixa universal dos seres e das coisas...

Se crês e amas saber, ante essa queixa estranha,
O que te diz o céu, acompanhando o incenso
Das florinhas do valle, homem, sobe a montanha!
Lá, mais perto de ti, se estende o céu immenso!

Lá, mais longe de ti, vê que se apaga e some
A cidade e o tropel de humanas criaturas...
Já não tens que receiar a dor que te consome,
Varreu-a de teu peito o ar livre das alturas.

Desce agora que o sol, deixando o firmamento,
Vae nas aguas do Oceano o disco mergulhar.
A caminho do lar, ó caçador incruento!
Hora é de recolher, a caminho do lar!

Que importa ermas as mãos leves de qualquer caça?
Foste máu caçador? Inda bem, caçador!
Vasio o coração levas de tua dor!
Não annodoastes o céu com um pouco de fumaça...

Eu estou certo, minhas senhoras e meus senhores, que esse
caçador contemplativo, que acabaes de seguir, sem cansaço, de
planura, á montanha esqueceria, num relance, a causa das suas
tristezas, se, de volta, lhe acontecesse não atinar com o caminho.

O LABYRINTHO DAS FLORESTAS

E' que não ha tortura comparavel á do caçador que se transvia
na pavidã solidão do matto virgem. Ao naufrago dos mares é
dado alongar os olhos pelo horizonte sem fim. Em pé sobre a
jangada, pode divisar a linha da costa ou o triangulo de uma
vela salvadora. O naufrago da floresta, circumvagando o olhar
afflicto tem sempre em torno, a limitar-lhe o campo da visão
— um verde tapume impenetravel.

Muitas vezes, a dois passos do caminho, volta-lhe as costas
sem o ver, e cada vez mais se embrenha na espessura.
Como orientar-se na mesmice torturante da selva?

Para onde quer que os olhos volva — são sempre os mesmos
troncos impassiveis, como gigantes que sahisses a lhe tolher o
passo. A matta o retém prisioneiro.

Mas, eis que de improviso o coração lhe bate com força,
num sobresalto de esperança: vem da estrada o raio de sol que
lá em frente põe tremulinas de ouro no verde escuro da vege-
tação...

Precipita-se ás tontas, como um doido, na direcção dessa
claridade; rasga-lhe a pelle o caule navalhante das críssiomas;
enreda-se na laçaria dos cipós; tomba de joelhos sobre o chão
humido e fôfo de terra vegetal e folhas mortas; levanta-se ar-
quejante; e, quando logra enfim desvencilhar se da trama que
o aprisionara... desfeita a miragem uma nuvem mais pesada es-
curecera o disco do sol e a mata mergulhára de novo na sua
penumbra.

Grita, e só lhe responde, do fundo dos grotões, a cantilena
triste dos urús.

Afinal, depois de vaguear, ás tontas, horas e horas, nesse tenebroso labyrintho do mattagal, deixe-se cahir sobre um tronco, desalentado e sem forças.

E então, vê muito longe, como num sonho, a casa da fazenda, com os terreiros á volta, resoantes de vozes, de ballidos e cacarejos; as roças, de onde sóbem cantigas, ao rythmo das enxadas; os carreadores vermelhos, onde vibra o chocalho das tropas e recham carros de bois. E mais longe, as cidades, as ruas regorgitantes de povo, o estrepito da vida, da alegria confortadora da convivencia humana.

Senão quando, ergue-se de chofre, livido de espanto. E' que a sombra cresce lentamente, e envolve o matto no seu negro sudario.

Em breve será noite fechada. Não tarda que os notibós ergam o vôo agoureiro do recesso das moitas, e que brilhe na treva a pupilla phosphorescente das «pintadas».

Mas se quereis ter a suggestão perfeita da matta no negrume da noite, ouvi estes soberbos alexandrianos de Vicente de Carvalho.

Muge na sombra a vóz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçoso arfam de quando em quando,

Como um vasto motim que passa sussurando

Em cada arvore altiva, em cada humilde arbusto,

Ha contorções de raiva ou frémios de susto.

A matta é tropical, basta, quasi massiça

De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,

Que, imperturbavelmente immovel, inteiriça

Sob a rija galhada o torso de gigante,

— Uma vegetação turbulenta e bravia

Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:

Moultas de craguatás aggressivos: rasteiras

Trapoerabas, tramando o chão todo, touceiras

De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas

De espinhos; e por tudo, em tudo, emaranhadas

As trepadeiras, em redouças balouçando

Hastes vergadas, galho a galho acorrentando

Arvores, afogando arbustos, brutalmente

Enlaçando á gissára o talhe adolescente...

Cem especies formando a trama de uma sebe,

Atulhando o desvão de dois troncos; a plebe

Da floresta, opprimida e em perpetuo levante...

Accesa num furor de seiva transbordante,

Toda essa multidão desgrenhada — fundida
Como a conflagração de cem tribus selvegens,
Em batalha — a agitar cem fórmulas de folhagens,
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noite, a confusão do matto
Gera allucinações de um pavor insensato.
Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi extincta.
Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta
A mal ouvida voz da tremula cascata,
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.
Lugem sinistramente as moultas sussurantes.
Acutam-se traições de abismo n'uma alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

O CANTO DAS NOSSAS AVES

Pretendem os ornithologistas que as aves americanas, e particularmente as brasileiras, são inferiores ás europeas pelo canto, embora as sobrepujem na pompa da plumagem. E' um conceito que nada tem de lisongeiro para os pequerinos habitantes das nossas florestas.

De facto, não honra nada aos nossos passaros que os tenham assim na conta de uns gritadores bem vestidos, do mesmo modo que seria desairoso para um poeta dever a celebridade mais ás suas fatiças vistosas e ás suas gravatas flammandes do que ao merito dos seus poemas. Mas parece-me que a ornithologia não tem razão.

A verdade é que, tirante o rouxinol, bem poucos cantores do velho mundo poderão rivalisar com as patativas, o encontro, a grauna, o tieté, o bico vermelho, e, sobretudo, com os nossos sabisás, cuja canção não é como a da philomela, um ardente epithalamio, mas sóa aos nossos ouvidos repassada de suave melancolia, como a queixa timida e confusa de uma pobre alma soffredora, brutaisada pelo destino.

Por isso o seu canto vibra mais inspirado no silencio vespereal, quando, em torno, já as outras aves medrosamente esconderam a cabecinha entre as pennas, tomadas do religioso pavor que em todos os seres infunde o mysterio da sombra.

Eil-o, immovel, pousado no ramo de um ingazeiro, á beira d'agua. Canta. A principio é um pítilo hesitante, modulado quasi em surdina.

Diz, talvez, humildemente, a sua fraqueza desamparada, a vaga apprehensão que o salteia, vendo que a noite cada vez mais enubla a face do rio, ainda ha pouco rutilante da gloria do ocaso.

Depois, é um gorgueio mais alto e mais sonoro, um hymno á luz, que para todos os seres é protecção e alegria, uma supplica ao sol, para que não tarde muito a vir de novo beijar a cabelleira flava dos ipes.

Certamente o canto do sabiá não tem a riqueza, a variedade de tons do canto do rouxinol. O rouxinol é mais artista; o sabiá talvez seja mais poeta.

O sabiá canta singelamente, como sem outro fim senão o de aligeirar o coração do peso das suas dores e das suas tristezas; o rouxinol aspira á perfeição, tem o cuidado de se não repetir, fuge á monotonia, tira partido dos contrastes, alternando os accents vibrantes da paixão com trinados vividos e limpidos, como para patentear todos os recursos da sua garganta incomparavel.

E' um vaidoso, e tem a preocupação do auditorio.

Faz se onvir, de preferencia, nos legares em que o céu propaga até ben. longe as suas baladas; e, por vezes, se um competidor lhe vem disputar a palma da victoria, tanto se esforça por cobrir, com a sua, a voz do seu rival e supplantal-o, que chega a cahir ao solo, exaustado e palpitante.

Canta á noite, talvez para que nenhum rumor venha prejudicar o effeito das suas melodias e só se cala ao primeiros pallores da alvorada.

E' então que das leiras humidas, das moitas gottejantes de orvalho, dos sulcos abertos pela charrua, a calhandra, a ave gauleza, ergue o vôo triumphal, para annunciar á criação o regresso da luz.

Vai despontando o rosieler da aurora.

O azul sereno e vasto

Empallidece e cora,

Como si Deus lhe dêsse

Um grande beijo luminoso e casto.

A estrella da manhan

Na altura resplandece.

E a cotovia — a sua linda irmã —

Vae pelo azul um cantico vibrando,

Tão limpido, tão alto, que parece

Que é a estrella no céu que está cantando.

RICARDO GONÇALVES.

O movimento pedagogico na Republica Argentina

Traduzido pelo Dr. Carlos da Silveira lente de Pedagogia da Escola Normal de S. Carlos, do livro «Nel Dominio Pedagogico» do prof. italiano Pietro Romano.

(Conclusão)

V

Dissemos algures que o proposito dos nossos ensinamentos é provar a applicabilidade dos principios, a investigação, a pratica, o fazer, não a *receptividade*.

O professor Mercante tem palavras de encomio para todos os estudantes, que quizeram participar das observações e investigações psychopedagogicas nos estabelecimentos escolares de La-Plata e revelaram optimas qualidades, e propõe que a methodologia figure de ora em diante, no segundo anno e não no primeiro, isto é, depois que os alumnos tenham estudado a anthropologia, a anatomia e physiologia do systema nervoso e a psychologia.

O Dr. Súnico, no seu relatorio, discorre longamente sobre a sua disciplina cujo programma divide-se em duas partes, isto é, no estudo da *salubridade dos ambientes*, e no estudo da *hygiene propria da colectividade*, divisão que applicada á escola dá dois ramos da hygiene escolar, os quaes abraçam a *salubridade dos ambientes escolares* e a *hygiene do grupo escolar*, que contém todavia a hygiene escolar collectiva e a individual.

«Ao emprehender o estudo do ambiente escolar, o professor julgou necessario dar a conhecer aos alumnos aquillo que se poderia chamar a anatomia descriptiva e topographica ou regional da *casa escola*, entrando no desenvolvimento da hygiene architectonica, a qual fornece noções fundamentaes quanto á salubridade das habitações, para esclarecer em seguida o valor e a importancia das *installações* e *dotações* domesticas ou sanitarias que a escola deve conter».

Todos os capitulos do programma «Noções de hygiene escolar» foram illustrados com exemplos e principios geraes, ob-

tendo assim o professor que os alumnos assimilassem, em curto periodo escolar, tambem questões de um valor verdadeiramente scientifico, constituindo abundantes pontos de applicações communs á salubridade dos ambientes escolares e á hygiene do trabalho, e conhecerem a caustica da construcção escolar nos seus varios typos e na diversidade das suas installações, dos moveis, das dotações, etc. «exigidas umas para se assegurar a conservação da salubridade, outras para equilibrar-se a actividade do trabalho ou para se satisfazerem necessidades domesticas».

Com respeito ao methodo de ensinar, de modo especial, accrescenta Súnico que, sem se tornar escravo de nenhum methodo educativo ou didactico clasico, quiz subtrahir-se a um interrogativo elementar muito frequente, o qual não assegura sempre que o alumno tenha comprehendido e assimilado a materia ensinada. «O professor que cultiva a sua materia deve pensar especialmente em communicar com precisão e clareza o conhecimento que quer dar, insistindo diligentemente na expressão litteraria e na interpretação do conceito, da formula e da applicação scientifica, até fixar o no espirito dos alumnos», servindo-se mesmo para tal escopo de subsidios graphicos e de observações factis e communs. Súnico tambem se mostra contente com seus alumnos, entre os quaes nota alguns verdadeiramente dignos de se elevarem a uma alta cultura intellectual.

O professor de psychologia Dr. C. F. Mello, após ter escripto que todos os meios conhecidos pelo estudo dos phenomenos psychicos e das suas leis foram adoptados com reparo da utilidade e applicação delles, lembra que, para conhecer se os alumnos assimilavam as materias de estudo, serviu-se do methodo socratico, da conferencia, feita ás vezes de improviso, e do exame dos escriptos ou apontamentos, sem advertencia anterior. Os resultados foram satisfactorios, porém a disposição que impõe as monographias no fim do anno é, segundo Mello, damnosa, porque nada de original e de bom o escolar pode produzir antes do ultimo anno de estudo, porque as materias estão comprehendidas em varios cursos e só ficam perfeitamente conhecidas quando finalizam todos esses cursos.

Mais optimista é o professor de anthropologia R. Senet. No seu relatório affirma: «A orientação dada ao curso é eminentemente pedagogica, tratando-se de dar primeiramente as applicações praticas immediatas e depois as remotas».

Dadas algumas idéas syntheticas sobre a evolução e traçadas as linhas do parallelismo philogenetico e ontogenetico, de summa importancia para o educador, Senet accrescenta: «Pois que no nosso curso se estudam as questões de um ponto de

vista muito especial, isto é, mais anthropologia pedagogica a nossa do que geral, as observações e investigações e igualmente os nossos pontos de vista puramente theoreticos foram dirigidos especialmente ao estudo da criança, para ser conhecida a evolução ontogenetica nas suas diferentes etapas, dando-se preferencia ao periodo escolar e tendo-se presente a idade adulta mais como ponto de referencia do que como objectivo primordial...» Estudou-se preferivelmente a evolução ontogenetica nos periodos ditos criticos, cujo conhecimento é de imprescindivel necessidade para o professor, e estudando a evolução ontogenetica do craneo e do cérebro estabeleceram-se os diversos periodos da evolução psychologica individual.

Sempre se tem em mira, além disso, no ensino, a synthese dos conhecimentos e, com as necessarias indicações, facilitou-se o trabalho proprio dos alumnos, estimulando-se as investigações espontaneas. A maior parte dos alumnos, de facto, apresentou estatísticas, fructo de seu trabalho e de interpretações proprias. Procurou-se sempre salientar a utilidade dos conhecimentos adquiridos o ensinar-se a applicação. O numero das medidas tomadas no laboratorio foi de 25.000 em 2.800 sujeitos estudados, numero mais que consideravel se se levam em conta o tempo de sete mezes de trabalho — unicamente — e a precisão que taes calculos requerem.

Passando á anatomia e psychologia do systema nervoso o prof. Manuel Beatti faz-nos saber que dividiu seu programma em quatro partes. A primeira comprehende a descripção anatomica macroscopica do systema nervoso; a segunda abraça o seu desenvolvimento; a terceira é destinada ao estudo estrutural microscopico, e a quarta e ultima contém o estudo da transmissão peripherica e central da sensibilidade geral e o caminho que seguem as sensações especializadas transmittidas por órgãos determinados e cuja localização no cortex não é conhecida.

«Expliquei a morphologia do systema nervoso descrevendo peças tiradas do homem e dos animaes e com o auxilio de re-produções (diappositivas). Para estudar-lhe o desenvolvimento vali-me, igualmente, de material humano e de diappositivas que projectei durante a exposição oral. Por sua parte os alumnos desenvolveram os themas que eu designava anteriormente, tendo diante de si as peças anatomicas. O exame sobre as duas primeiras partes do programma serviu-me de criterio para a classificação (votação) dos proprios alumnos». O estudo do tecido fino do systema nervoso effectuou-se outrosim de um modo pratico. «Os alumnos puderam seguir todos os tratamentos aos quaes deve submeter-se o tecido desde a extracção, do cada-

ver, até ao momento em que se ache em condições de ser analysado com os diversos methodos dos quaes já tenho praticado os mais fundamentaes», procurando sempre que os alumnos examinassem com o microscópio as preparações coloridas á medida que eram obtidas na presença delles.

Beatti conclue manifestando-se satisfeito pelo andamento das lições, pela disposição e estudo dos alumnos e pondo em relevo a dotação do museu para o estudo anatomico e physiologico do systema nervoso.

Muitas outras noticias poderíamos acrescentar, como complemento de quanto escrevemos, mas o que foi dito parece-nos sufficiente para determinar o character e a função da Secção pedagogica da Universidad de La-Plata. Não queremos, todavia, calar que, seja por condescender ao disposto na lei fundamental, seja pela importancia adquirida depois da annexação á nova Universidad do Collegio nacional e do Collegio das senhorinhas, que de ora em diante dependem da mesma Universidad quasi totalmente, pela extensão que os ensinamentos vão assumindo e pela crescente frequencia, a Secção se transformará logo em Faculdade pedagogica e será a primeira, não sómente na America Latina. Já está constituída a Secção de philosophia e letras para alargar a cultura classica dos futuros ensinadores, por parecer ainda insufficiente a preparação scientifico-literaria dos mesmos.

Não seria inutil lembrar algumas rubricas ou pontos do programma *analytico* desenvolvido no proximo findo anno escolar de 1912, porém alongariamos tanto como ultra-passariamos os limites que nos impuzemos, se quizessemos tudo referir e mencionar a cerca da oportunidade dos exames annuaes e das suas modalidades, pois que não são considerados vantajosos por todos os professores, igualmente. De facto Mercante acha que os elementos da prova de promoção podem ser: 1.º As exposições diarias e as conferencias; 2.º As investigações, os trabalhos praticos, a pratica do ensino, os estudos criticos, as monographias, as theses, os livros e tudo o que seja fructo de um trabalho paciente e meditado sobre argumentos que digam respeito ao ensino, emquanto que R. Senet pensa que a promoção deve resultar de tres generos de classificações: 1.º Classificação das exposições oraes; 2.º Classificação de um ou mais exames escriptos, effectuados durante o curso escolar; 3.º Classificação de trabalhos monographicos assignalados anteriormente aos alumnos.

Antes de fechar este brevissimo estudo observamos que durante o anno de 1907 foram estudadas oito materias, isto é: 1.º Anatomia do systema nervoso e preparações microscopicas

no laboratorio; 2.º Anthropologia applicada á educação e pratica de laboratorio; 3.º Psychologia; 4.º Hygiene escolar; 5.º Methodologia geral; 6.º Methodologia especial, praticada no Collegio nacional, observações e critica pedagogica; 7.º Psychopedagogia (psychologia applicada a educação) e pratica de laboratorios; 8.º Sciencia da educação. Sete, todavia, são as cathedras pedagogicas fundamentaes da Secção, porque o professor de o de methodologia geral, e são de methodologia especial e *methodologia e critica de historia e sciencia da educação, de psychologia, de hygiene escolar e de psychopedagogia.*

Ha mais tres ajudantes, dos laboratorios de psychologia, anthropologia e psychopedagogia.

* *

Conclusão. — Deste pouco que até aqui escrevemos, em geral e em particular, a cerca dos estudos pedagogicos na Republica Argentina, é facil reconhecer que nesta nação a sciencia educativa é objecto de um culto vivo e fecundo, que irá sempre augmentando mais e que tanto fervor pela pedagogia é digno de ser notado pelos Europeus, ainda que não seja de todo perfeito tudo quanto se faz na jovem Republica sul-americana.

FIM

Os escoteiros paulistas

Entre as mais bellas instituições, que se têm fundado ultimamente em S. Paulo, uma das mais uteis e sympathicas é certamente a dos escoteiros — boys-scout — pela somma de beneficios individuaes e sociaes, que encerra.

Além do desenvolvimento physico, pela actividade de uma acção intelligente, desperta a instituição, em seus jovens associados, sentimentos de ordem elevada, taes como o amor patrio, o altruismo, a abnegação e o culto do dever.

Ainda nesta ultima festa infantil, realizada a 7 de Setembro, no Parque Antarctica, os escoteiros, pelo carinho com que acudiram ás crianças indispostas, demonstraram quão sympathica e util é a instituição a que pertencem.

Oxalá quizessem todos os nossos adolescentes a ella filiar-se, levantando, por esse meio, o moral das futuras gerações a que serão entregues os destinos do Brazil.

Publicando o Regulamento dos escoteiros paulistas, cumprimos gostosamente um dever, divulgando os designios da linda instituição.

Como se sabe, essa notavel instituição lançada na Inglaterra pelo general Baden Powel, tem o objectivo de preparar os jovens de 11 a 18 ou 20 annos, physica, moral e intellectualmente, proporcionando-lhes uma educação civica, sportiva e militar. Seu escopo é fomentar as virtudes, confraternizando indistinctamente todas as classes sociaes.

O programma educativo dos escoteiros é extensissimo. Desde a sua entrada para a associação, assumem os escoteiros o compromisso de realizar diariamente uma boa acção, por mais modesta que seja; ensina-se-lhes a respeitarem a sua palavra, a não faltarem á verdade, a manterem uma rigorosa hygiene de corpo e de espirito a acudir, a enfermos e feridos, proporcionando-lhes os primeiros socorros; a orientarem-se pelo sol, pela estrella polar, pela bussola, pelo relógio, etc.; a montar a cavallo, a nadar, saltar, correr, lutar, defenderem-se, a atirar com arco e carabina, a accender fogo, a calcular o seu passo e por elle qualquer distancia e tempo percorridos; a serem carinhosos com os animaes; a armarem pontes e abrigos, a da-

rem nós, applicando-os ás multiplas circumstancias imprevistas; a receberem e transmittirem communicações por telegrapho movimentos de conjuncto, a conhecerem o tempo provavel, a seguirem uma pista, a verem sem ser vistos, e descreverem o que observam, deduzindo dados certos segundo os indicios colhidos; a conhecerem as leis do seu paiz e a respeitá-las; a amarem os seus antepassados, conhecendo os grandes vultos e feitos da historia nacional; a conhecerem a topographia e geographia; a terem noções practicas de anatomia, physica, chimica, zoologia, historia natural, etc.; a cozinharem ao ar livre, a armaremjangadas; a estabelecerem-se em acampamento e a manobram, atacando ou defendendo uma determinada posição; conhecerem, emfim, os deveres de civilidade e urbanidade, além de muitos outros, creados de accordo com as circumstancias do meio em que viverem. Emfim, é o escotismo uma escola de todas as qualidades que fazem um homem digno deste nome: a honestidade, a vontade, a iniciativa e o patriotismo.

Visto pela frente



Um escoteiro uniformisado

A instituição não tem nenhum caracter particular, religioso ou politico, acolhendo em seu seio os representantes de todas as classes sociaes. E' uma instituição eminentemente pratica e popular. O seu uniforme é um vestuario pratico e economico, compondo-se especialmente, de borzeguins fortes de excursão, meias compridas, calções curtos, camisa folgada e com bolsos, paletot feiito «golf», chapéu de abas largas e um lenço grande para o pescoço.

Ao entrar para a associação, o escoteiro deve prestar o seguinte juramento :

Prometto pela minha honra :

Proceder em todas as circunstancias como um homem consciente dos seus deveres, leal e generoso ;

Amar a minha patria e servir-a fielmente, na paz e na guerra ;

Obedecer ao *Codigo do Escoteiro*.

O *Codigo do Escoteiro* é o seguinte ;

1.º — A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesma da propria vida.

2.º — O escoteiro sabe obedecer. Comprehede que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.

3.º — O escoteiro é um homem de iniciativa.

4.º — O escoteiro aceita, em todas as circunstancias, a responsabilidade dos seus actos.

5.º — O escoteiro é leal e cortez para com todos.

6.º — O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classe social.

7.º — O escoteiro é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da sua vida.

8.º — O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja.

9.º — O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda crueldade contra elles.

10 — O escoteiro é sempre jovial, entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.

11 — O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.

12 — O escoteiro tem a constante preocupação da sua dignidade e do respeito de si mesmo.

Os escoteiros são : noviços, de segunda classe, de primeira classe e diplomados, conforme o grau de conhecimentos que forem adquirindo.

Para ser admittido como noviço é necessario : possuir a carta de identidade fornecida pela Associação, após a inscrição ; conhecer de cór o *Codigo do Escoteiro* e prestar o juramento acima mencionado.

Para ser escoteiro de segunda classe é necessario : percorrer a pé dois kilometros em 20 minutos ; arranjar e accender

Visto por de traz



Um escoteiro uniformisado

de modo preciso e detalhado, a posição, a orientação e a situação geographica de uma cidade ; saber avaliar a distancia de defferentes objectos afastados, no

Para ser escoteiro de primeira classe é preciso :

Percorrer 2 kilometros em 10 minutos e nadar 50 metros ; conhecer o uso do alphabeto Morse ou os signaes, com braços ; ler um mappa e saber achar o ponto em que se acha ; conhecer as principaes constellações ; percorrer 15 kilometros a pé em 3 horas ou 40 kilometros em bycicleta, em 4 horas ; saber achar e seguir uma pista ; descrever de uma maneira satisfactoria o itinerario percorrido para satisfazer a quinta prova, acima mencionada ; descrever,

campo; reconhecer 10 espécies de plantas e árvores; apresentar um trabalho manual simples, confeccionado unicamente pelo candidato; descrever os meios de salvação nos seguintes casos: incendio, asphyxia por submersão, cavallo a disparada; saber pensar um ferido; saber os cuidados a dispensar a um afogado; ter apresentado á Associação um noviço em condições de ser recebido.

O escoteiro de primeira classe passa a escoteiro diplomado, quando se houver particularmente distinguido ou especializado em qualquer dos ramos do «escotismo».

A Associação de Escoteiros compõe-se de dois elementos: elementos de organização (d direcção central e direcções regionaes) e elementos effectivos.

A direcção central (no nosso caso, séde em S. Paulo) comporta: patronos, Conselho Superior, directoria, consultor juridico e consultor tecnico. A directoria é escolhida entre os membros do Conselho Superior, compondo-se de um presidente, dois ou tres vice-presidentes, um thesoureiro e um secretario.

As direcções regionaes (no nosso caso, Capital, Santos, Campinas, Ribeirão Preto, etc.) comportam: patronos, directoria (presidente, vice-presidente, thesoureiro e secretario) e instructores.

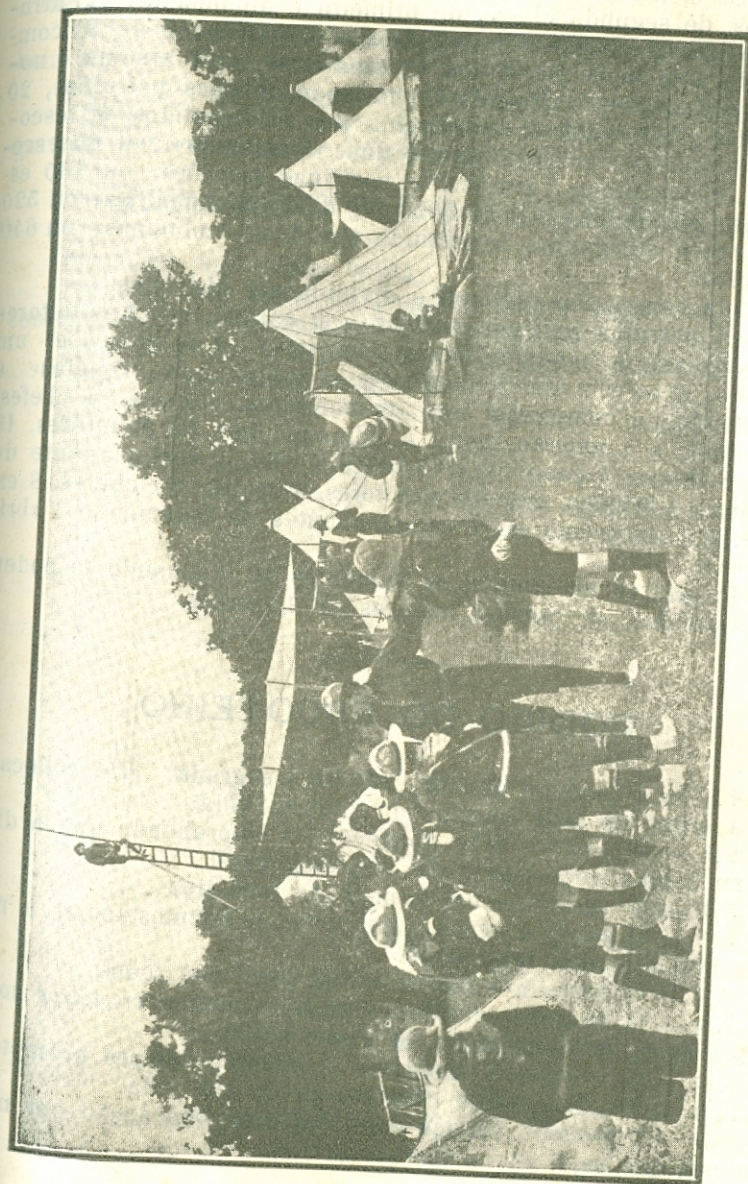
Os membros da Associação dividem-se em: «socios activos» (instructores e escoteiros); «socios contribuintes» (todos os que interessando se pelo escotismo, quizerem contribuir para o seu desenvolvimento, pagando 60\$000 por anno); «socios doadores», pagando 100\$000 por anno, e «socios perpetuos» os que fizerem de uma só vez a doação de 500\$000.

A não ser a quota do escoteiro, que será enviada ao Conselho superior, a razão de 6\$000 por anno e por escoteiro, todos os demais constituirão os recursos das commissões regionaes.

Para se fundar uma commissão regional é necessario apenas a existencia de 10 noviços e o numero de pessoas sufficientes para eleger uma directoria e um instructor.

Toda a fundação de commissões regionaes deverá immediatamente ser communicada ao Conselho Superior para que este envie a carta de identidade, aliste o noviço e forneça as publicações, distinctivos e mais elementos necessarios á propaganda do «escotismo». Com a lista dos escoteiros deve ser remittida a quota annual de 6\$000.

O uniforme dos escoteiros será fornecido exclusivamente pelo Conselho Superior pelo preço do custo e não importará em mais de 30\$000.



Exercícios de acampamento dos escoteiros

—Os elementos effectivos são os seguintes : «Escoteiros» (noviços, de segunda classe, de primeira e diplomados) «Patrulha», composta de 4 a 10 escoteiros e normalmente de 8, commandada pelo mais digno dos 10 escoteiros, que assume o nome de «Monitor»; «Partido (1) formado de duas patrulhas, 20 escoteiros; «Bandeira», constituída por dois partidos, 40 escoteiros; «Secção», constituída por duas «bandeiras», ou 80 escoteiros; «Companhia», constituída por duas «secções» ou 160 escoteiros; «Columna», constituída por duas «companhias» ou 320 escoteiros e «Brigada», constituída por duas «columnas» ou 640 escoteiros.

Cada commissão regional é dividida em districtos.

—A patrulha tem um monitor. O partido tem 2 monitores e um «guia»; a bandeira tem 4 monitores, dois guias e um «chefe»; a secção tem 8 monitores, 4 guias, dois «chefes» e um capitão; a companhia tem 16 monitores, 8 guias, 4 chefes, 2 capitães, e 1 capitão-mór. A columna tem 32 monitores, 16 guias, 8 chefes, 4 capitães, 2 capitães-mores, 1 commandante de columna; a brigada tem 64 monitores, 32 guias, 16 chefes, 8 capitães, 4 capitães-móres, 2 commandantes de columna e 1 «brigadeiro».

Do partido em diante, os elementos de commando só podem ser assumidos por pessoas maiores de 21 annos.

CODIGO DO ESCOTEIRO

1.º — A palavra de um *escoteiro* é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida.

2.º — O *escoteiro* sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.

3.º — O *escoteiro* é um homem de iniciativa.

4.º — O *escoteiro* acceta, em todas as circumstancias, a responsabilidade dos seus actos.

5.º — O *escoteiro* é leal e cortez para com todos.

6.º — O *escoteiro* considera todos os outros *escoteiros* como seus irmãos, sem distincção de classe social.

7.º — O *escoteiro* é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da sua vida.

8.º — O *escoteiro* pratica cada dia uma boa acção por mais modesta que seja.

(1) O Partido é a unidade de formatura.

9.º — O *escoteiro* estima os animaes e se oppõe a toda crueldade contra elles.

10.º — O *escoteiro* é sempre jovial, entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas.

11.º — O *escoteiro* é economico e respeitador do bem alheio.

12.º — O *escoteiro* tem a constante preocupação da sua dignidade e do respeito de si mesmo.

JURAMENTO DO ESCOTEIRO

Prometto pela minha honra :

Proceder, em todas as circumstancias, como um homem consciante dos seus deveres, leal e generoso.

Amar a minha patria e servir-a fielmente na paz e na guerra.

Obedecer ao *Codigo do Escoteiro*.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Uma instituição modelo de previdência

Segundo diz a «*Education enfantine*», de março do corrente anno, trata-se do *Jugendheim*, de Charlottenburg, perto de Berlim.

Esta obra, fundada em 1833 para filhos de operarios, cuja vida de familia é perturbada pela respectiva profissão que o prende fóra de casa o dia todo, tem por fim desenvolver a actividade profissional nos pequenos, arranjar-lhes uma infancia feliz e, assim, prepara-los, racionalmente, para a sua futura vida.

As crianças, recebidas á sahida da escola, ficam occupadas em grupinhos de dez, mais ou menos. O tempo fica dividido entre as refeições, recreações e trabalhos manuaes: «Meninos e meninas cosem, remendam roupa branca, fazem crochet, tricot, bordados, objectos de marcenaria, tecem cestas ou outros trabalhos manuaes. As crianças, sem distincção de sexo, devem cuidar de todas as obrigações domesticas».

Os propagandistas da obra esperam que as crianças, dessa forma, não só desenvolverão a sua destreza, como aprenderão a estimar o papel da mulher na casa.

Levam-nos, além disso, a ver um operario no trabalho, collocam-nas diante de um trabalhinho a executar, fazem-nos contar o que viram, suas observações, etc.

Tomam tambem o cuidado de formar educadoras, chamadas «*gardes écolières*» que tomem interesses por ellas não sómente enquanto estão no *Jugendheim*, mas ainda quando voltam para os seus lares.

C. G.

LITTERATURA INFANTIL

MÃE

Mãe — pequenina palavra, que concentra a vastidão do amor e a grandiosidade do soffrimento.

Mãe — dulcissima denominação, que redime a mais peccadora das mulheres e santifica a esposa honesta e pura.

Mãe — placida luz da lua illuminando o regaço em que dorme a innocencia; barreira que se levanta para a defeza do filho; vime que se dobra humildemente para aplacar as iras desencadeadas contra o fructo de suas entranhas.

Mãe — doce brisa beijando as louras madeixas do entesinho amado; fonte perenne de indulgencia, manancial inexgotavel de perdão.

Mãe — trabalhadora infatigavel, que prepara a estrada que devemos trilhar; estrella que a illumina.

Mãe — eu te saúdo! Minha mãe — eu te envio uma saudade.

**

MÃE

Nas azas de um anjo um dia
Baixou á terra a Ventura;
No semblante — que alegria!
No sorrir — quanta doçura!...

Era bella, mas estava
Tão pobremente vestida,
Que dos mortaes com affecto
Não pode ser acolhida;
Ninguem suppõe a ventura
Sem riquezas — nesta vida.

Disposta estava a voltar
A's regiões celestiaes,
Quando ouviu uns sons mavicosos,
Uns accordes divinaes...

Partiam duma choupana
Dentre as modestas — modesta,
— «Será possível que em lar,
Tão pobre assim, haja festa?...»

Sorriu... e bem de mansinho
Na choupana penetrou,
E diante dum tosco berço
A Ventura se extasiou...
Jamais um quadro á sua vista
Mais bello se deparou.

Ouvia agora, de perto,
A musica melodiosa
De beijos dados frementes
Numa boquinha mimosa.

*
**

A mãe beijando um filhinho
De faces de leite e rosa,
E' quem se póde julgar
Dentre os mortaes — venturosa.

Sorocaba.

LUIZ DE CAMPOS.

UM POUCO DE SCIENCIA

O Vento

O vento póde ser comparado ao zumbir da abelha em torno de uma flôr ou ao rugir do leão faminto no seio do deserto. Se a sua velocidade é apenas de um metro por segundo — é a brisa que, perpassando pelos jardins e laranjeas floridos, nos traz o aroma delicioso das flores que beijou. Se attinge a sua velocidade a quatro metros por segundo — que serviço não presta áquelles que se encarregam do preparo da base do principal alimento de quasi toda humanidade — o trigo, fazendo girar a roda dos moinhos.

Se a sua velocidade chega a nove metros — enfuna as velas dos navios que singram airoso o mar, ainda calmo e sereno.

Quando chega, porém, de vinte e dois a vinte e sete metros — as ovelhas buscam os redes, os passaros os ninhos, as fêras as furnas, que a tempestade está prestes a se desencadear.

Augmenta-se ainda a enorme massa de ar posta em movimento, cuja velocidade eleva-se agora de trinta e seis a quarenta e cinco metros por segundo — e temos o furacão, que lança por terra as habitações e monumentos, desraiga as arvores seculares, deixando por onde passa a devastação e a morte.

E o vento o que é? E' o ar em movimento. Vejamos: Uma immensa massa de ar, com espessura variavel entre oitenta e cem, ou como quizerem alguns entre oitenta e trezentos e quarenta kilometros, chamada atmosphaera, circumda o nosso globo.

A atmosphaera está em continuo movimento por diversas causas, sendo a principal as diferenças de temperatura nella existentes. Muito quente entre os tropicos e fria nas regiões polares, essas diferenças de temperatura operam continuamente grandes desequilibrios nas camadas atmosphericas e deslocamentos consideraveis.

O ar frio e mais denso dos pólos se dirige em correntes inferiores, para o equador, ao passo que o ar quente e menos denso do equador busca os polos, em correntes superiores.

A regularidade theorica, porém, desses grandes movimentos é sempre modificada pela rotação da terra, declinação do sol, disposições dos continentes e pela acção da temperatura elevada de certas partes do globo.

Em resumo: a camada de ar em contacto com a terra, que durante o dia recebeu os raios ardentes do sol, aquece-se, torna-se mais leve, sobe, e o seu lugar é occupado pelo ar frio, que se precipita da vizinhança.

Quanta maior é a massa de ar que se eleva, mais rapida é a sua ascensão, maior e mais rapida é a corrente que se estabelece

Eis o que é o vento e a causa da versatilidade que elle manifesta em seus passeios aereos.

Sorocaba.

LUIZ DE CAMPOS.

Nulla emolumento

Tomado de ira indomita e bravia
O mar arqueira o dorso em fero intento
De salpicar de espuma o firmamento,
Que no fragor das ondas desafia!

Vocifera e pragueja! E, todavia,
O vagalhão que arroja, perde o alento,
Em gottas se desfaz, e, num momento,
Volta de novo ao seio em que se via.

E o firmamento, placido e sereno,
Desdenha toda a furia desse oceano
E ri do estardalhaço das procellas...

Emquanto o mar de cólera rouqueja,
O palho azul na vaga que esbraveja,
Vae reflectindo o brilho das estrellas!...

São Paulo, Julho de 1915.

RUBENS DE ANDRADE.

Movimento associativo

Deixou de ser procurador social o sr. Assis Velloso, pelo que, os srs. associados, que tiverem de enviar suas procurações, as dirigirão ao cidadão Aristides Pereira Leite, declarando nelas que podem ser substabelecidas, afim de que não venham a soffrer interrupção no andamento de seus pedidos.

Toda a correspondencia será dirigida ao secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, rua das Flores n. 9-A. Os srs. associados têm direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Está á venda o oitavo volume da *Revista*, 1911-1914 para completar as antigas colleções, oito fasciculos, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*. É o seu orgam; a ella d-vem ser endereçados (rua das Flores, 9-A), os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, queiram faze-lo antes de Março vindouro, para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*. A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, pode ser enviada em valte postal ou em sellos do correio.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes gostosamente permutamos.

As recebidas ultimamente são :

Boletim da Alliança Franceza, Paris.

O Movimento, S. Manoel do Paraíso.

Bulletin Officiel, Paris.

Memoria de Instrucção Publica, Costa Rica.

El Monitor de la Educacion Común, Buenos-Ayres.

Revista de la Educacion Fisica, Buenos-Ayres.

Revista de Educacion, Buenos-Ayres.

Patria, Recife.

Monitor Sul-Mineiro, Cid. da Campanha.

Le Mésager de Saint Paul, Capital.

O Conservador, Nazareth.

Educación e Pediatria, Rio de Janeiro.

Boletín Mensual del Museo Social Argentino, Tucuman.

Diario Official, São Paulo.

La Revista Coloniale, São Paulo.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a Redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exm.º Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redacção da Revista de Ensino.

Directoria Geral da Instrucção Publica.

Rua Ypiranga n. 24

S. Paulo.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.

Recebem-se collaborações para o numero seguinte.

A' venda — collecções completas, doze annos, oito volumes :

Encadernação superior.	50\$000
Meia encadernação	40\$000
Em brochura.	35\$000
Em fasciculos	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua das Flores, 9-A, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.* rua de S. Bento, e *Duprat & Comp.*, rua Direita — Capital.